

*Como guardar um mundo em decomposição?*

partida – conexões – processo – reflexões – possibilidades e desdobramentos

Em 1927 Mario de Andrade parte de São Paulo para uma expedição ao Norte e Nordeste do país, com o intuito de entender e registrar as diversas facetas culturais que compõem o Brasil periférico. Durante a viagem, manteve a rotina de escrever diariamente pensamentos, percepções e encantos em seu diário, postumamente organizado, publicado e nomeado *O Turista Aprendiz*. Esse título é efetivado pela postura de observador, etnógrafo e legitimador dessa outra realidade que, até então, era pouco divulgada e conhecida pela região sudeste.

A catalogação do que é imaterial, possibilitada pela escrita, facilitou a empatia e revisitação do leitor às suas experiências, talvez pelo aspecto similar a um relato etnográfico, de emprestar a visão do antropólogo para enxergar uma vivência de outro. Mário escreve em um formato pessoal, bem-humorado, sem filtros, contraditório, sensível e crítico acrescentando às suas narrativas o tempero necessário para tornar suas descrições extraordinárias e extravagantes, a plataforma ideal para vislumbrar os costumes, os personagens e as manifestações alheias.

Por um lado, sabemos que Mário se enquadra num grupo de modernistas dedicados a registrar e catalogar diversos modos de expressão cultural popular, numa ação de proteção de uma cultura vulnerável - a criação do SPHAN é prova disso -, diante de um mundo mutante, moderno, desenraizado. Mas, por outro lado, compreendemos também que o seu próprio diário - como ato de registro de uma viagem - constituía um documento importante para nossa história apesar de não ter sido pensado, a princípio, com essa finalidade.

Assim, a partir dessas surpreendências, compreendemos que ali existia, além de uma viagem pelo Brasil profundo, distante dos pólos econômicos, uma prova da importância do registro, principalmente o de caráter íntimo, como grande fonte de entendimento da história e dos mundos que estavam a ser descritos.

A medida que nos aproximamos desse processo de entendimento, nos deparamos com o acontecimento mais inétdo do século: o mundo, que até então presenciávamos, vira de cabeça para baixo, acentuando os significados e procedimentos deste trabalho. A nossa memória se constituiu num mundo que não mais existe, os registros agora serão resultantes da inflexão que a pandemia está causando em nossa realidade, nossa vivência.

Preservando a perspectiva de seu mundo, Mário registrou sua viagem em um diário e, da mesma forma, registramos o nosso, mas em outra linguagem que não a escrita.

Da mesma forma que Mário registrou sua viagem no diário, preservando a perspectiva de seu mundo, nós iremos, a partir destes, registrar o nosso. A medida que nossas viagens se misturam e confundem, em um processo mútuo. Nos apropriamos da estratégia de Mário, realizando esta viagem junto a ele: fazendo um diário coletivo de colagens com base em seus registros permeados por nossa realidade que, como consequência, é atingida pelo distanciamento social e todos os fatores impostos pela crise pandêmica: um diário-relato da vivência da composição do mundo como conhecemos, que, em um processo gradativo, vai se decompondo e transformando.

Para além do processo criativo de colagens imagéticas, propomos outros exercícios de possível conexão entre a viagem de Mario e a nossa, própria. Utilização de signos, letras, sobreposição de textos e relatos, exatidão de palavras, haicais, se mostram possibilidades para outras experimentações e associações.